

Emprego cultural e perfis social e laboral

¹José Soares Neves (coord.), ¹Rui Telmo Gomes, ¹Maria João Lima e ²Joana Azevedo

¹Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Observatório Português das Atividades Culturais, Lisboa, Portugal. ² Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte).

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o emprego artístico e cultural evidenciam um conjunto de características relativamente estáveis, tanto no sector assistido (privado não lucrativo) como no das indústrias culturais e criativas (privado lucrativo), que o distingue do emprego geral: pluriemprego; predominância de trabalhadores com autoemprego / independente e outras formas atípicas de emprego, tempo parcial; trabalho irregular (ao projeto), intermitência; curta duração dos contratos de trabalho; fraca proteção social do emprego; perspectivas de carreira incertas; rendimentos muito desiguais; contingente da força de trabalho em crescimento; emergência de novas qualificações / competências e de novos perfis profissionais, em particular devido às novas tecnologias. É um mercado de trabalho, irregular, precário e menos protegido pelo sistema de segurança social.

O emprego cultural (Eurostat), tomado como o conjunto dos ativos com uma profissão cultural (como atividade principal) ou a trabalhar numa unidade económica do sector cultural, apresenta, do ponto de vista do perfil social, um conjunto de características que se mantêm com grande regularidade, registando apenas ligeiras mudanças como reflexo das alterações no mercado de trabalho: mais jovens do que a média dos ativos (mas também mais velhos); mais homens (mas com o contingente feminino em crescimento); claramente mais escolarizados; residentes nos grandes centros urbanos (em particular nas cidades capitais e suas áreas metropolitanas), sendo que também esta característica

Acordo de parceria institucional:

tende a esbater-se. Cerca de um terço do emprego cultural corresponde a autoemprego, independente ou por conta própria.

O perfil social do emprego cultural em Portugal pode ser caracterizado (INE-Inquérito ao Emprego) segundo alguns parâmetros: sexo, idade, escolaridade e região de residência. Os dados disponíveis revelam um universo masculinizado, característica que se vem mantendo relativamente estável; dominância no grupo de idades acima dos 45 anos que tem vindo a crescer, tal como o grupo dos mais jovens, com 15-24 anos; escolarizado, com formação superior, atributo que se vem igualmente acentuando à custa da diminuição dos que têm até ao 1º ciclo do ensino básico. Por região (NUTS II 2018 último ano disponível), quase metade residem na AML, nove em cada dez nesta região, no Norte e no Centro.

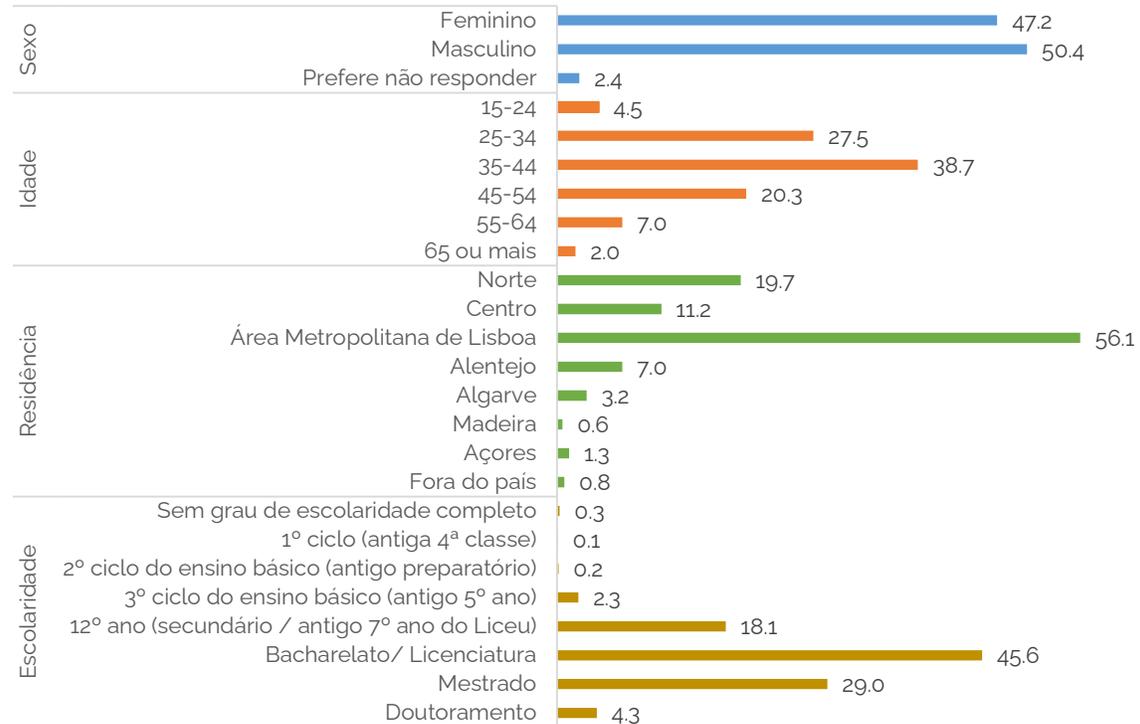
A informação disponível nas estatísticas oficiais europeias e em Portugal permite avançar, assim, com algumas características, mas subsistem lacunas importantes no seu conhecimento, em especial no que se refere aos perfis social e laboral dos profissionais independentes da cultura em Portugal, justamente por isso a população alvo do Inquérito aos Profissionais Independentes das Artes e da Cultura (IPIAC).

PERFIL SOCIAL

Em traços gerais, o perfil social da amostra de 1.727 profissionais independentes que participaram no inquérito é apenas ligeiramente mais masculino (50%), com forte incidência na faixa etária dos 35-44 anos (39%) e com uma elevadíssima qualificação escolar, uma vez que 78% dos inquiridos completou o grau de licenciatura ou superior (gráfico 1).

As mulheres são mais jovens do que os homens: 77% tem menos de 44 anos, contra 64% dos homens. E são também mais escolarizadas: 90% tem formação superior ao passo que nos homens essa percentagem desce para os 63%.

Gráfico 1 – Perfil sociográfico (%)



Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.

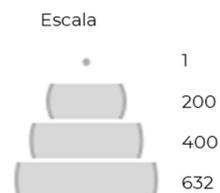
Bases: Sexo 1.709; Idade 1.707; Residência 1.709; Escolaridade 1.695.

Já quanto ao local de residência, ressalta a já conhecida concentração em grandes centros urbanos sendo os concelhos de Lisboa e Porto os mais representados (com 37% e 9% das respostas, respetivamente). Em todo o caso, a amostra abrange 150 concelhos dispersos pelo território nacional, incluindo regiões autónomas (figura 1). Por região, destacam-se a Área Metropolitana de Lisboa (AML, 56%) e a região Norte (20%).

Figura 1 – Distribuição geográfica dos profissionais independentes das artes e da cultura



Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
Base= 1.696.



Acordo de parceria institucional:

A comparação destes dados gerais com os do emprego cultural em Portugal (INE-Inquérito ao Emprego) evidencia uma relativa proximidade.

Para ambos os contingentes, os homens estão em maioria, embora de forma mais expressiva nos dados do INE situando-se de forma estável nos últimos anos em torno dos 58%. Nesse sentido, pode-se considerar que o contingente dos profissionais independentes denota uma ligeira sobrerrepresentação das mulheres, na ordem dos quatro pontos percentuais quando comparado com os dados conhecidos sobre os trabalhadores da cultura em Portugal, INE.

Quanto à idade, a presente amostra é relativamente mais jovem, com média etária de 40 anos contra a média de 45 anos nos dados do INE. Por outras palavras, o grupo de idades acima dos 45 anos tem menor peso na amostra (29%) do que nos dados sobre os trabalhadores da cultura em Portugal (36%, em 2019).

Quanto ao local de residência (NUTS II), é comum a forte incidência da Área Metropolitana de Lisboa, embora ainda mais acentuada na presente amostra (56%) do que nos dados do INE (45%, em 2018). O mesmo se pode dizer relativamente à Região Norte (32% na presente amostra face aos 20% dos dados do INE em 2018).

Profissão

A nuvem de palavras obtida a partir das respostas a uma pergunta aberta onde era solicitada a descrição da profissão permite uma visão geral das auto-designações de profissões mais presentes neste estudo (figura 2).

Constata-se que são múltiplas as atividades profissionais representadas e que esta multiplicidade é transversal a todas as áreas de trabalho e funções ligadas às artes e à cultura.

Esta multiplicidade está também patente ao nível individual uma vez que 55% dos inquiridos refere mais do que uma atividade profissional, o que torna clara a pluriatividade.

A pluriatividade e a transversalidade de áreas e funções associadas a estas atividades profissionais podem também ser ilustradas com as respostas obtidas. Manifestam-se na generalidade dos perfis de carreira, em emergentes e em consagrados.

Sou músico e produtor fonográfico. Também trabalho ocasionalmente enquanto engenheiro de som em espetáculos ao vivo.

[#53, homem, 7 anos de carreira, música, criação, combina atividade independente com outra(s)]

Coreógrafa, Performer, Direção Artística, Pesquisadora e Artista Visual.

[#330, mulher, 30 anos de carreira, cruzamentos artísticos artes performativas, criação, combina atividade independente com outra(s)]

Na mesma área (e. g. música, teatro), ou no mesmo domínio (e. g. artes do espetáculo, cinema e audiovisual), em abordagens mais populares ou mais eruditas.

Músico freelancer (violinista de orquestra); produtor de conteúdos digitais na área da música clássica (podcasts), professor de violino sem vínculo em escolas de música não oficiais.

[#131, homem, 2 anos de carreira, música, produção, combina atividade independente com outra(s)]

Assistente de Câmara Cinema e Publicidade Operadora de Câmara Cinema e Publicidade Directora de Fotografia Cinema

[#686, mulher, 17 anos de carreira, cinema, suporte técnico, apenas atividade independente]

Compositor e arranizador (para Banda Filarmónica) Músico (pianista) Programador Cultural (no âmbito da música erudita, Música Antiga, Jazz)

[#237, homem, 32 anos de carreira, música, gestão/direção, combina atividade independente com outra(s)]

Trabalho como actriz, marionetista e executante musical, no sector do Teatro.

[#1572, mulher, 5 anos de carreira, teatro, interpretação, apenas atividade independente]

Desenhadora de Luz e som para teatro - Criar a iluminação e bandas sonoras para espetáculos de teatro, música e performances Operadora de Luz, som e vídeo - programar a operação de luz, som e vídeo em computador, mesa de luz ou mesa de som para que possa ser operada Técnica de Luz, som e vídeo - montagem de iluminação de luz, som e vídeo.

[#1047, mulher, 13 anos de carreira, teatro, suporte técnico, apenas atividade independente]

Actor, arte-educador, locutor, voice over / dobragem, director de cena, encenador, desenho de luz, técnico de luz, palco e som, criação sonora e musical, apresentador, formador, contador de livros e histórias e mediador de leitura.

[#1428, homem, 23 anos de carreira, outra, educação, apenas atividade independente]

Acordo de parceria institucional:

Nas várias funções, por exemplo de produção.

Diretor de Produção; Produtor Executivo; Road Manager, Stage Manager; Diretor de Cena
[#162, homem, 31 anos de carreira, música, gestão/direção, apenas atividade independente]

Ator, Produtor, Iluminador, Diretor, Mediador.
[#1477, homem, 9 anos de carreira, teatro, interpretação, apenas atividade independente]

Atriz, produtora executiva, assistente de palco, clown, performer.
[#1553, mulher, 24 anos de carreira, teatro, interpretação, combina atividade independente com outra(s)]

Artista Plástico, Animador Cultural, Promotor de Eventos Artísticos Colectivos e a "solo", Colaborador de "oficinas" em espaços públicos e Escolas; Músico, promotor de eventos/concertos musicais, produtor, técnico de estúdio e editor de bandas de novos talentos e "colectâneas" de novas bandas regionais.
[#1209, homem, 10 anos de carreira, artes plásticas, criação, apenas atividade independente]

Exclusivamente em atividades no sector artístico e cultural ou que articulam atividades nesse e noutros sectores, em particular o da educação.

Trabalho como bailarina, coreografa e auxílio projectos de investigação artística. Também desempenho função de formadora em vários estabelecimentos e a direcção artística de um projecto (...).
[#1667, mulher, 12 anos de carreira, dança, educação, apenas atividade independente]

Professor de música, programador cultural, produtor, gestor de concertos, coordenador de comunicação, editor.
[#230, homem, 3 anos de carreira, música, produção, apenas atividade independente]

Encenadora, professora de teatro, orientadora de projetos de teatro com a comunidade.
[#61, mulher, 9 anos de carreira, teatro, criação, combina atividade independente com outra(s)]

A nível independente sou músico freelancer e colaboro com entidades privadas em regime de prestação de serviços. Além disso sou produtora cultural e trabalho com artistas a nível de agenciamento, booking e produção. Coordeno uma produtora cultural. Quanto a vinculo contratuais com entidades privadas, colaboro com duas escolas do Ensino Particular e Cooperativo, no Ensino Artístico Especializado.
[#786, mulher, 9 anos de carreira, música, interpretação, combina atividade independente com outra(s)]

Acordo de parceria institucional:

Bailarina / artista: espetáculos em teatros, bibliotecas, escolas, festivais, intercâmbios internacionais de música e dança. Produtora: espetáculos de música e dança. Professora / Formadora: aulas e workshops para alunos desde o pré-escolar ao 1º ciclo, professores, público adulto em geral.

[#763, mulher, 23 anos de carreira, dança, educação, apenas atividade independente]

Exclusivamente como trabalho independente (a "recibos verdes", por conta própria), ou articulando com trabalho por conta de outrem,

Artista plástica por conta própria e como prestação de serviços de consultoria e desenvolvimento de projectos para outrem mas em regime recibos verdes. Cenógrafa regime recibos verdes para companhias de teatro e câmaras municipais. Formadora na área de desenho, artes visuais e cerâmica em regime recibos verdes.

[#293, mulher, 6 anos de carreira, artes plásticas, criação, apenas atividade independente]

Artista plástica - trabalho independente. Técnica cenografia, adereços e marionetas - trabalho a recibos verdes para diversas entidades do espectáculo. Formadora (áreas criativas) - trabalho a recibos verdes para várias entidades. Criação e Orientação de workshops e oficinas criativas para crianças, jovens e adultos

[#331, mulher, 12 anos de carreira, artes plásticas, criação, apenas atividade independente]

Operador de Câmara; Director de Fotografia; Assistente de Imagem; Fotografo; Editor de Imagem de Vídeo; Editor de Imagem Fotográfica; Piloto de Drone; Professor nas Áreas Multimédia;

[#1255, homem, 11 anos de carreira, publicidade, criação, combina atividade independente com outra(s)]

A pluriatividade e transversalidade pode ser observada nas carreiras numa perspetiva sincrónica, nas descrições sobre as atividades profissionais desempenhadas atualmente, mas também numa perspetiva diacrónica, sobretudo em carreiras mais longas, de que o caso seguinte é bem ilustrativo.

(...). Comecei como figuração em cinema, depois em pequenos papeis no teatro até 1975, depois passei para os bastidores onde fui ponto, director de cena, contra-regra. Fiz teatro radiofónico: Depois passei como assistente de iluminação e Som e mais tarde para a fotografia de cena em teatro. Tornei-me profissional (...) e durante mais de 35 anos fiz tudo na área da fotografia até que a partir de (...) dediquei-me à produção e realização de documentários, função que mantenho até hoje. Paralelamente desde 2012 sou director de um festival (...).

[#1181, homem, 42 anos de carreira, fotografia, edição, apenas atividade independente]

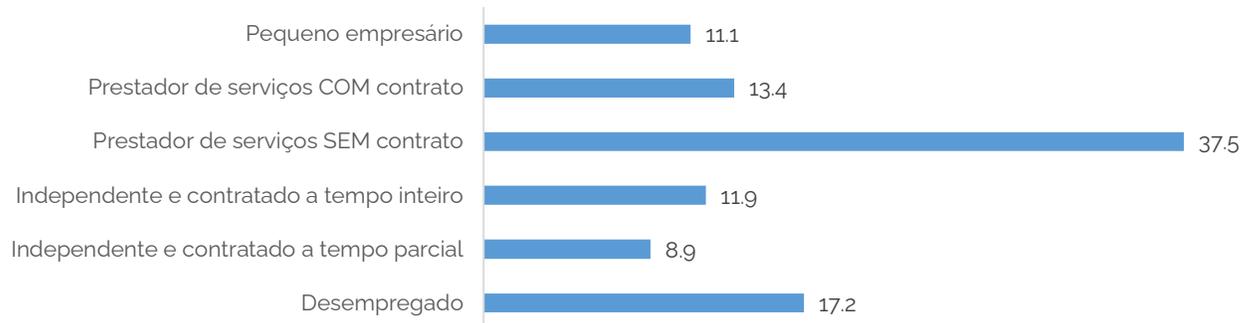
PERFIL PROFISSIONAL

Como seria de esperar face aos objetivos do Inquérito, uma grande parcela da amostra identifica-se com um perfil profissional independente. Uma expressiva maioria dos inquiridos (72%) assinala exercer atividade exclusivamente por conta própria. A parcela remanescente é a combinação de trabalho por conta própria e por conta de outrem, minoritária mas ainda assim relevante (28%).

Por outro lado, a predominância do trabalho por conta própria conjuga-se com múltiplas formas de atividade laboral, quer na acumulação de diferentes prestações (por contra própria e de outrem, a tempo inteiro ou parcial, em diferentes áreas artísticas e no desempenho de diferentes funções), quer também nas modalidades de contratação e duração do trabalho (desde prestações recorrentes para um mesmo contratante até trabalho por projeto ou tarefas pontuais). A variação de engajamentos possíveis (e acumuláveis) corresponde a perfis diferenciados, que em alguns casos pode ser um regime de trabalho independente com um mínimo de regularidade, mas para a maioria dos inquiridos significa um quadro de precaridade e incerteza, situações em que a diversificação é um último recurso. Estas várias dimensões de análise estão sintetizadas num indicador tipológico de perfil laboral, elaborado a partir da combinação de diferentes variáveis como: profissão; condição perante o trabalho (2019 e 2020); modalidade de contratação. Atendendo a que (i) todos os inquiridos da amostra trabalham por conta própria no setor artístico e cultural e (ii) grande parte deles trabalha simultaneamente em diferentes regimes laborais, reteve-se para cada indivíduo a modalidade de trabalho correspondente a um maior grau de formalização. Os inquiridos que trabalham por conta própria (por exemplo, prestadores de serviço sem contrato formal) e ao mesmo tempo por conta de outrem (com contrato a tempo inteiro ou parcial) são tipificados pelo contrato. Assim, a tipologia retrata perfis laborais a partir de parâmetros de (ténue) formalização num contexto de enorme informalidade (gráfico 2).

Acordo de parceria institucional:

Gráfico 2: Perfil laboral – tipologia (%)



Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
Base= 1.714.

Dentro da já referida prevalência do trabalhador por conta própria observa-se três perfis semelhantes de prestador de serviços, mas com traços distintivos pertinentes. O perfil mais comum (38% da amostra) é claramente o do trabalhador exclusivamente por conta própria como prestador de serviço sem contrato, ou seja, cujo acordo de trabalho é verbal, correspondendo tipicamente à imagem do trabalhador a "recibo verde". A sua prevalência é indicador evidente da informalidade das relações de trabalho neste setor. Com um perfil semelhante, mas um peso relativo significativamente menor (13%), observa-se o trabalhador por conta própria com contrato de prestação de serviço, isto é, em que os objetivos, termos e duração da atividade contratada estão formalizados (não se confundido com contrato de trabalho). Um terceiro perfil relevante de trabalhador por conta própria é o do pequeno empresário (11%) – prestador de serviços e ao mesmo tempo empregador (que contrata normalmente outros trabalhadores para projetos específicos).

Os inquiridos que combinam trabalho por conta própria e por conta de outrem dividem-se em grupos com um peso relativo aproximado entre os que têm contrato laboral a tempo parcial (12%) e a tempo inteiro (9%). Para estes últimos a prestação de trabalho enquanto independente será porventura uma atividade complementar ou secundária.

Se ventilarmos estes perfis pela variável idade esboça-se um recorte geracional dentro do panorama geral de informalidade nas relações de trabalho. Os prestadores de serviço sem contrato apresentam a média etária mais elevada (41,2 contra 40 anos na amostra), ao passo que as categorias que implicam algum grau de contratualização denotam as médias mais baixas – prestadores com contrato (38,1), trabalhadores independentes e por

Acordo de parceria institucional:

conta de outrem a tempo parcial (38,3) e tempo inteiro (38,7). Pode dizer-se então que a informalidade é uma característica das relações de trabalho no conjunto da amostra, mais vincada para as *coortes* geracionais mais velhas. Os pequenos empresários destacam-se pela mais elevada duração média de carreira (17,8 contra 16,6 anos na amostra), o que sublinha a experiência neste grupo. Os desempregados têm um perfil etário muito próximo da média da amostra – pelo que a idade não será um fator diretamente determinante na falta de trabalho.

Tal recorte geracional observa-se igualmente na (correlacionada) variável escolaridade. Mesmo tendo em conta que esta é uma amostra com uma escolarização muito elevada, as relações de trabalho com algum grau de contratualização tendem a um perfil ainda mais saliente de licenciados e pós-licenciados (85% para os prestadores de serviço com contrato e entre 82% e 84% para aqueles que acumulam trabalho por conta própria e conta de outrem); simetricamente, a maior informalidade nas relações de trabalho está associada a uma ligeiramente menor prevalência da formação superior (74% para os prestadores de serviços sem contrato).

O peso relativo do perfil de desempregado (17%) justifica um especial destaque. Este valor resulta de um aumento pronunciado entre 2019 e 2020, decorrente da paragem da atividade aquando da primeira vaga pandémica na primavera deste último ano. Recorde-se que as respostas reportam a outubro de 2020, num momento de reabertura da atividade e em que havia a expectativa de alguma retoma. 17% é o valor agregado dos inquiridos que assinalaram ter estado em situação de desemprego no período abrangido pelo inquérito – 2019 e 2020. Entre esses 2 anos o indicador triplicou de 5% para 16%. Não existindo fontes diretamente comparáveis para trabalhadores independentes e ressaltando que se trata de indicadores de natureza diferente, tal evolução contrasta fortemente com a variação da taxa mensal de desemprego da população ativa (INE) durante o mesmo período, entre o mínimo de 6.1% (julho de 2019) e o máximo de 7.9% (agosto de 2020).

Mais que apontar situações de desemprego permanente, o perfil de desempregado indica uma condição em que estar sem trabalho é uma ocorrência frequente, mesmo quando cruzada com outras prestações de trabalho episódicas. Ou seja, uma parte importante destes trabalhadores estão num limiar de "subemprego" e, portanto, de vulnerabilidade face à crise pandémica. Para referência, e ressaltando de novo a diferente natureza dos

indicadores, note-se que a taxa de subutilização do trabalho (INE) no mesmo período varia entre o mínimo de 12,2% (3º trimestre de 2019) e o máximo de 14,9 % (3º trimestre de 2020). Ou seja, observa-se também uma tendência de crescimento, mas de amplitude inferior à reportada na amostra.

Nas respostas ao inquérito é frequente a referência a situações de suspensão e até de completa paragem, por vezes associada a dúvidas e anseios quanto à viabilidade futura do setor, em termos individuais e coletivos. Embora não fosse esse o seu objetivo central, o questionário contemplava perguntas específicas relativas à crise pandémica, incluindo os efeitos ao nível de trabalho e (des)emprego. As seguintes respostas são ilustrativas da variedade de impactos.

O sector está um caos. A organização das instituições de cultura já era pobre e de momento está de rastos. Não há equipas habilitadas nem orçamentos que permitam a manutenção de uma equipa habilitada seja nas produtoras, nas escolas, ou nos espaços de programação. Tudo o que foi cancelado é quase impossível de reagendar. Passo o tempo a dar conta de produção e logística porque não há possibilidade de contratação de assalariados. Logo, não consigo fazer o trabalho artístico para o qual serve essa mesma produção. Andamos no limbo das possibilidades da vida e do trabalho porque não há dinheiro nem há emprego. E não há corpo que aguento isto por muito tempo. Perdem todos. Porque não há condições de produção que permitam a criação de manifestações artísticas concertadas e de escala. Eu estou já a mexer os cordelinhos para mudar de vida.

[#18, homem, 16 anos de carreira, dança, criação, combina atividade independente com outra(s)]

Espectáculos cancelados. Dificuldade em re-agendar com as instituições, que mesmo no caso de haver contratos escritos foram relutantes a dialogar. A triste sensação de que se não tivémos um vínculo recente com a DGartés, isto é, um apoio institucional da DGartés em vigor, então não existimos. (...) trabalhei em França durante dez anos como intermitente do espectáculo. Usufruí durante esse período, da alternância entre os "cachets" e o desemprego de intermitente do espectáculo. Trabalho em Portugal (...), há mais de vinte anos, e nunca como este ano senti um vazio tão grande. Independentemente das dificuldades económicas senti uma enorme falta de apreço pela cultura e pelo teatro em particular, foi, e é deprimente.

[#276, homem, 33 anos de carreira, teatro, interpretação, apenas atividade independente]

Todos os projectos em que esperava estar envolvida foram adiados. Quando aconteceram, a carga de trabalho foi menor, portanto a remuneração mais baixa. A sobreposição de alguns projectos, fez com que não pudesse trabalhar nalguns, e agora estou novamente desempregada e sem perspectivas de novo trabalho

[#718, mulher, 31 anos de carreira, cinema, suporte técnico, apenas atividade independente]

Não ter perspectiva de recomeçar um novo projeto artístico/cultural; Desemprego a longo prazo;

[#954, mulher, 3 anos de carreira, artes plásticas, educação, combina atividade independente com outra(s)]

Acordo de parceria institucional:

Fiquei 2/3 desempregada. Tive de fechar um projecto que tinha começado em nome próprio em Fevereiro

[#1624, mulher, 17 anos de carreira, música, educação, combina atividade independente com outra(s)]

Poder-se-ia supor, em tais condições, que o desemprego fosse ainda mais reportado. Porém, muitos dos inquiridos que indicam ter tido uma pronunciada quebra de atividade não se identificam como estando em situação de desemprego – é esse o caso de todas as respostas citadas, o que sugere, por um lado, uma certa naturalização dos períodos de interrupção de atividade numa lógica de intermitência "normal" do trabalho e, por outro, algum distanciamento face a mecanismos formais de enquadramento laboral (desde logo o acesso ao subsídio de desemprego). A condição de desempregado em sentido estrito – isto é, com acesso ao subsídio de desemprego e inscrição em centro de emprego – é residual na amostra (3%). Por outro lado, a própria situação de crise pandémica e mobilização dos profissionais trouxe maior visibilidade pública para as questões laborais no setor, nomeadamente para a falta de condições de assistência laboral e no desemprego.

O perfil sociográfico dos desempregados caracteriza-se principalmente por ser semelhante ao retrato global da amostra: distribuição etária coincidente (média etária de 40 anos); ligeiras variações quanto à escolaridade (74% de licenciados contra 77% na amostra), à distribuição por sexo (51% de mulheres contra 48% na amostra), mas em geral não apresenta traços muito distintivos no conjunto da amostra. Estes indicadores sugerem que a situação de desemprego não estará tanto associada ao perfil social dos trabalhadores, mas mais a outros fatores, desde logo a área de trabalho e funções desempenhadas.

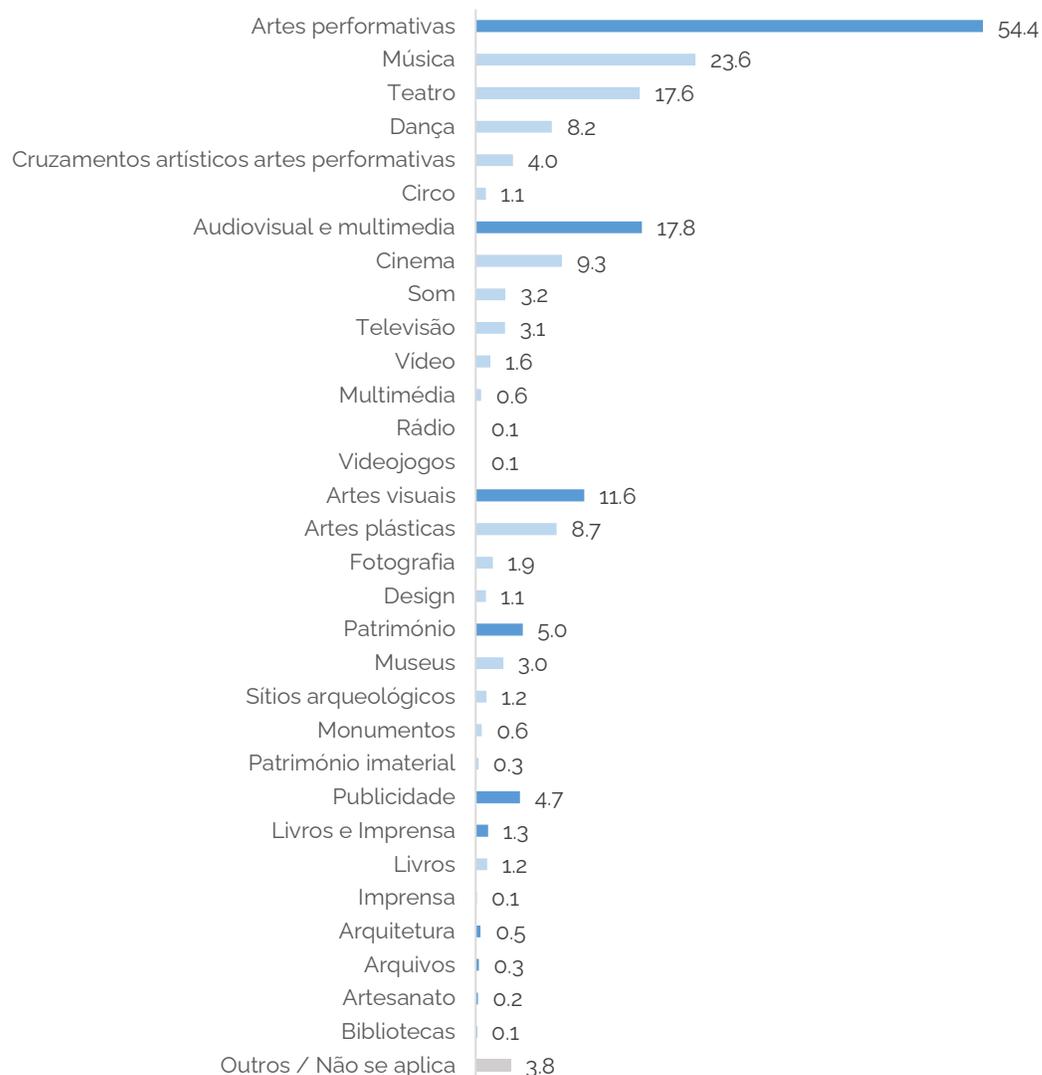
Áreas de trabalho

Considerando a área de trabalho principal dos inquiridos (gráfico 3), artes performativas é claramente a mais representada na amostra, reunindo mais de metade dos casos (54%). As subáreas com maior relevo são música (24%) e teatro (18%); dança apresenta também um peso expressivo, mas num patamar inferior (8%). Audiovisual e multimédia (18%) e artes

Acordo de parceria institucional:

visuais (12%) são as outras áreas de trabalho com uma proporção na amostra superior a 10%, destacando-se respetivamente as subáreas de cinema e artes plásticas (com cerca de 9%).

Gráfico 3: Principal área e subárea de trabalho (%)



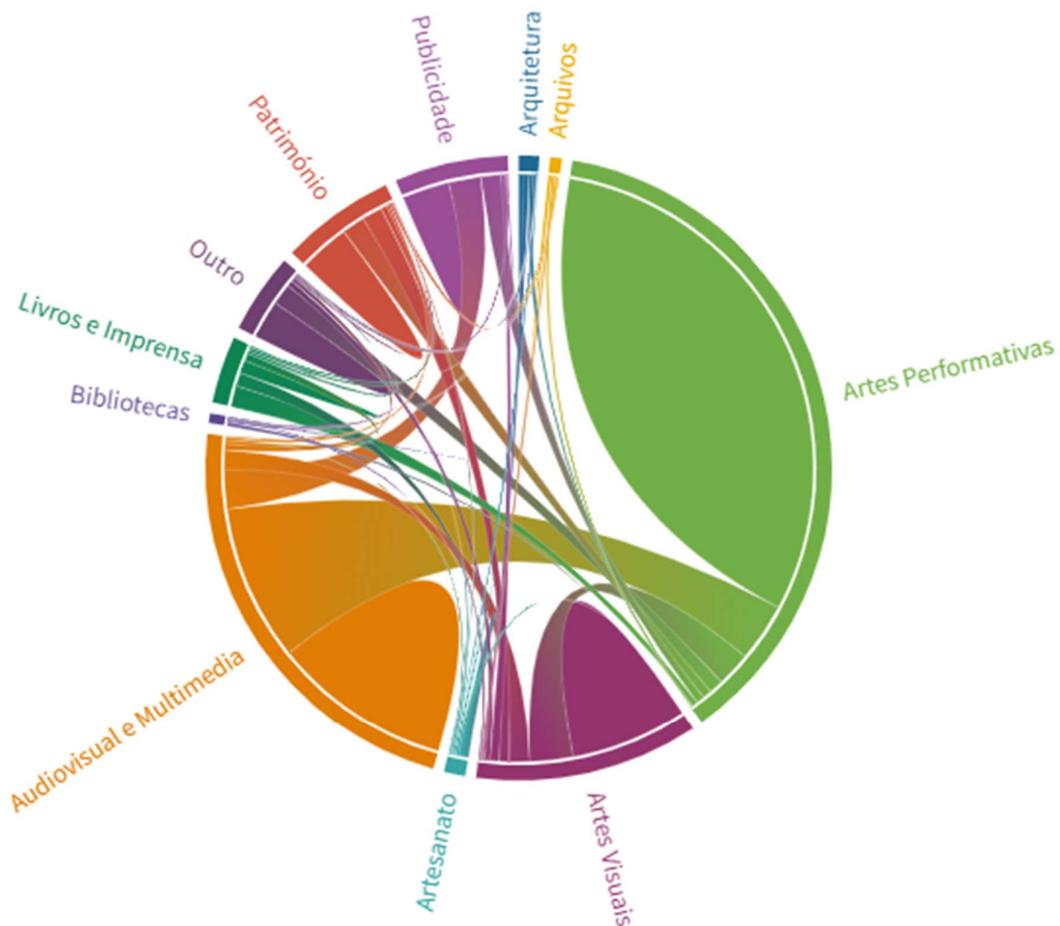
Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
Base = 1.727.

Constata-se – como seria expetável num inquérito dirigido a trabalhadores independentes da cultura – que na amostra estão representadas em primeira instância áreas de trabalho predominantemente artísticas, estando presentes em menor número inquiridos em domínios ligados ao património, arquivos e bibliotecas.

Por outro lado, para complementar este retrato é necessário destacar um outro traço comum na amostra que é a já referida pluriatividade e polivalência do trabalho; mais de metade (52%) dos inquiridos assinalam trabalhar em três áreas e menos de um quarto (24%) numa única área.

Como se pode observar no diagrama de cordas, existem fluxos significativos entre as diferentes áreas de trabalho (figura 3). O caso paradigmático de cruzamento entre áreas encontra-se especialmente entre artes performativas e audiovisual; os trabalhadores com atividade simultânea nas duas áreas (e só nessas duas áreas) representam 18% da amostra. Ao nível do cruzamento de subáreas destaca-se artes performativas, como seria de esperar pelo seu volume na amostra (e pela prática profissional de cruzamentos disciplinares); 26% dos inquiridos trabalham simultaneamente em diferentes atividades do domínio dos espetáculos. Um caso particular a destacar é o dos que trabalham exclusivamente em música (9% da amostra).

Figura 3: Fluxos entre principais áreas de trabalho



Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
 Base = 1.727.

É possível observar traços comuns, mas também contrastes entre as áreas de trabalho mais representadas na amostra (artes performativas, audiovisual e multimédia, artes visuais) a partir dos respetivos perfis sociais e profissionais.

O retrato das artes performativas é muito semelhante ao da amostra, o que se explica atendendo ao seu peso relativo. Observa-se uma idade média ligeiramente inferior à da amostra (39,2 contra 40 anos) e principalmente a menor média etária de entrada na carreira

Acordo de parceria institucional:

(22,4 contra 23,3). Outra característica é uma pequena sub-representação da AML (51% contra 56%). Em termos do perfil laboral, embora os prestadores de serviços sem contrato sejam a principal categoria em todas as áreas, é nesta área que a sua proporção é menor (30% contra 38%); simetricamente, é maior o peso dos independentes com contratos por conta de outrem (25% contra 21% na amostra) e contratos de prestação de serviços (15% contra 13%), o que sugere um relativo grau de formalização neste domínio de atividade. O teatro evidencia um perfil muito particular, onde é vincado o peso reduzido dos prestadores sem contrato (24%), mas paralelamente também um patamar elevado de desempregados (23%); as categorias reportadas a alguma contratualização formam um contingente relevante (26% de independentes com contratos por conta de outrem e 18% de prestadores com contrato).

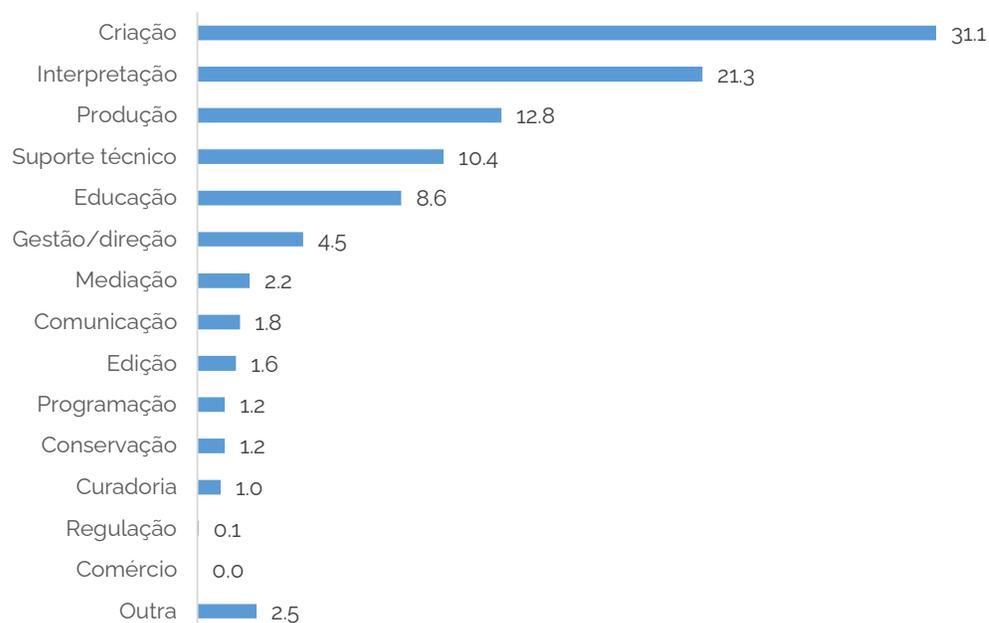
Audiovisual e multimédia é a área de trabalho com a maior proporção de homens (60% contra 52% na amostra). Em termos regionais, é muito concentrada na Área Metropolitana de Lisboa (69%), o que explica a sua sub-representação em todas as outras regiões do país. O perfil laboral denota uma parcela volumosa de prestadores de serviço sem contrato (47%) e um menor contingente de independentes com contrato por conta de outrem (16%) e prestadores de serviço com contrato (10%). Tal combinação sugere ser uma das áreas com menor formalização contratual e ao mesmo tempo um nível de desemprego ligeiramente abaixo da média (15% contra 17%). A subárea de cinema destaca-se neste perfil com 51% de prestadores de serviço sem contrato.

Artes visuais apresenta um panorama contrastante com as áreas anteriores em diferentes aspetos: é a esfera de trabalho mais feminizada (56% de mulheres); a única área em que o peso relativo da AML está abaixo de metade (47%); a média etária mais elevada (42,4 anos), a média etária de entrada na carreira mais tardia (25,2 anos) e a duração média de carreira mais longa (média de 17,3 anos). Acresce que, mesmo no contexto da amostra, é uma área com um nível de escolaridade elevadíssimo (86% dos inquiridos com ensino superior, 50% com mestrado ou doutoramento). O perfil laboral, porém, denota uma combinação ilustrativa das condições de precaridade do setor, coincidindo um elevado peso relativo de prestadores de serviço sem contrato (45%) e de desempregados (18%).

Funções de trabalho

Se considerarmos apenas a principal função assinalada por cada inquirido (gráfico 4), as mais representadas na amostra são: criação (31%), interpretação (21%), produção (13%), suporte técnico (10%) e educação (9%).

Gráfico 4: Principal função de trabalho (%)

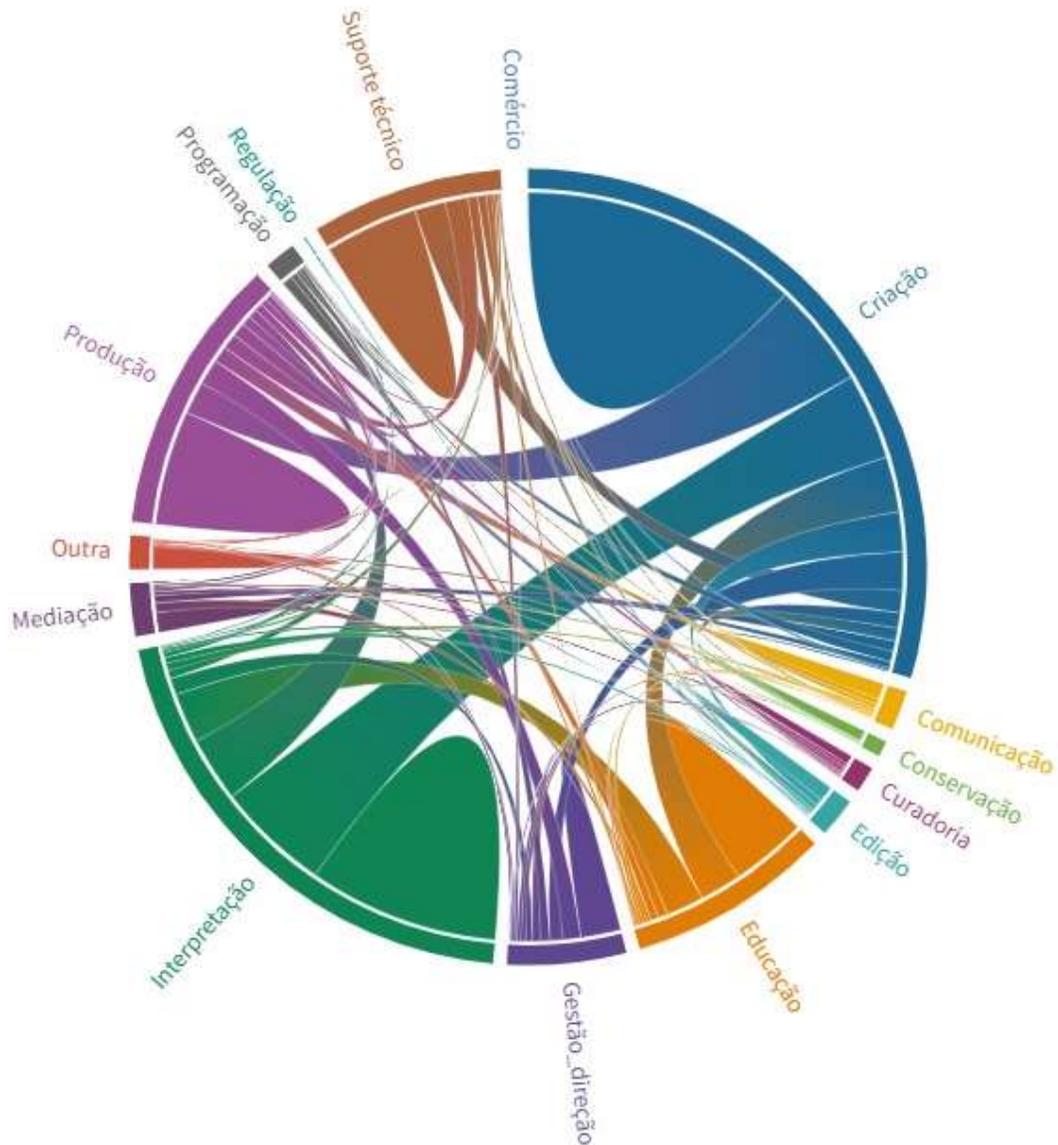


Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
Base: 1.727.

Mais ainda do que se verifica com as áreas de trabalho, uma esmagadora percentagem de inquiridos desempenha várias funções em simultâneo: 59% dos trabalhadores exercem três funções ao passo que o exercício de uma função exclusiva corresponde a apenas 21% dos inquiridos. Observa-se, portanto, uma enorme sobreposição das funções desempenhadas simultaneamente no trabalho independente (ver figura 4). As funções mais representadas são naturalmente as que mais se combinam entre si, destacando-se o nexos entre criação, interpretação e educação; pelo contrário, a exclusividade é mais saliente, embora minoritária, nas funções de suporte técnico (39%) e produção (29%).

Acordo de parceria institucional:

Figura 4: Fluxos entre principais áreas de trabalho



Fonte: OPAC, ESAC/IPIAC, 2020.
Base = 1.727.

Tal como nas áreas de trabalho, a ventilação por variáveis sociográficas e perfil laboral permite uma caracterização detalhada das principais funções: criação, interpretação, produção, suporte técnico e educação.

Acordo de parceria institucional:

Os criadores representam o segmento com a média etária mais elevada da amostra (42,1 anos), a profissionalização mais tardia e a carreira mais longa. Nos demais parâmetros denotam traços muito semelhantes ao do conjunto da amostra. Em termos de perfil laboral, observa-se uma ligeira sobrerrepresentação de pequenos empresários (13% contra 11%) e prestadores de serviços sem contrato (41% contra 38%) e, ao invés, uma também ligeira sub-representação de independentes com contrato por conta de outrem (16% contra 21%).

Intérpretes formam outro grupo com traços semelhantes ao do conjunto da amostra, ressaltando uma média etária inferior (38,7 anos) e a mais baixa idade de entrada na carreira (21,7 anos). O perfil laboral é – sem surpresa – consonante com o das artes performativas, com sub-representação de prestadores sem contrato (32% contra 38%), sobrerrepresentação de prestadores com contrato (18% contra 13%) e contratados a tempo parcial (14% contra 12%), a que se junta o maior peso de desempregados (22%).

Produtores destacam-se na amostra pela sua localização concentrada na região da Área Metropolitana de Lisboa (64%), apresentando valores próximos da média em termos de distribuição por sexo, idade e escolaridade. Do ponto de vista dos regimes de trabalho, este grupo caracteriza-se por um perfil também aproximado ao de artes performativas: sub-representação de prestadores de serviços (40% contra 51%), sobrerrepresentação de independentes com contrato por conta de outrem (27% contra 21%) e expressivo volume de desemprego (22%).

Os técnicos sobressaem na amostra por um conjunto de características vincadas: expressiva masculinização (77%); concentração na AML (61%); peso relativamente baixo da educação de nível superior (52% contra 78% na amostra). Em termos de perfil profissional, é destacadamente o grupo com maior peso dos prestadores de serviços sem contrato (60% contra 38%) e menor peso das situações contratualizadas (18% contra 34%), bem como um nível de desemprego um pouco abaixo da média (15% contra 17%).

Os educadores sobressaem também na amostra, mas por traços diferentes: muito acentuada feminização (80%) e qualificação superior (88%), a par da menor média etária de todas as categorias (37,9 anos). Acresce que é, das categorias citadas, a que menos se concentra na AML (52%), com um correspondente maior peso relativo face à amostra nas regiões Norte (23% contra 20%) e Centro (17% contra 11%). Este grupo caracteriza-se por um perfil profissional incomum face aos restantes pelo elevado peso relativo de

independentes com contrato por conta de outrem (39% contra 21%) e, paralelamente, pelo reduzido contingente de desempregados (10%) e prestadores sem contrato (30%). Este retrato parece confirmar a ideia de que as atividades letivas e formativas, ou mesmo a condição de professor contratado em alguns casos, é um recurso de relativa segurança laboral no contexto de forte precaridade do trabalho artístico.

Dentro da diversidade de perfis descrita, e cruzando função e área de trabalho, há um conjunto de categorias profissionais que se destacam como as mais preponderantes: intérpretes nas artes performativas (20%); criadores nas artes performativas (14%), artes visuais (8%) e audiovisual (6%); educadores (7%) e produtores (6%) nas artes performativas; técnicos no audiovisual (5%). Estas categorias perfazem cerca de dois terços da amostra e pode dizer-se que correspondem ao retrato funcional dos trabalhadores independentes no setor artístico e cultural.

Notas finais

As estatísticas oficiais, nos planos internacional e nacional sobre emprego, constituem fontes incontornáveis na abordagem do sector artístico e cultural.

Contudo evidenciam a necessidade de avançar com conhecimento mais fino na categoria social dos profissionais independentes. O IPIAC responde a esta lacuna em várias dimensões, designadamente as profissões exercidas, as áreas em que estão presentes, e qual o seu peso estatístico, as funções desempenhadas. Identifica-se com grande nitidez as linhas de caracterização. Mas constata-se igualmente que, com muita frequência – ou pelo menos longe de constituírem casos isolados ou sequer residuais – a profissão é exercida em pluriatividade e em combinatórias que atravessam as diversas classificações do sector artístico e cultural, que decorrem da dinâmica criativa associada ao sector e que, por isso mesmo, contribuem para evidenciar a complexidade que é também um dos seus principais traços identitários.

O UNIVERSO, O TRABALHO DE TERRENO E A AMOSTRA DO IPIAC

O universo do IPIAC é constituído pelos profissionais independentes das artes e da cultura com atividade em Portugal. Trata-se de um universo de contornos difusos, pela primeira vez objeto de inquérito nacional. Por isso, foi delimitado numa perspetiva muito abrangente em vários parâmetros: áreas e funções artísticas e culturais, situação na profissão e condição perante o trabalho.

O universo do inquérito corresponde aos

profissionais independentes, com atividade por conta própria - que não têm contrato de emprego a tempo completo com um único empregador - em Portugal, incluindo a Região Autónoma dos Açores e a Região Autónoma da Madeira, de todas as áreas (artes do espetáculo, artes visuais, património, bibliotecas, arquivos, etc.) e funções (criação, interpretação, produção, comércio, distribuição, mediação, conservação, etc.), autores, artistas e técnicos.

Para a operacionalização desta definição foram incluídas no questionário duas perguntas filtro iniciais, qualquer delas com saída do questionário caso a resposta não fosse consonante com a definição, mas com possibilidade de revisão da resposta inicial dada:

Q1. Nos últimos 3 anos, desenvolveu alguma atividade profissional no sector artístico e cultural? (Sim/Não) (Se sim) Q2. Essa atividade foi realizada em que regime ou modalidade?

- 1. Apenas como trabalhador/a por conta própria / independente.*
- 2. Combinando atividade por conta de outrem com atividade por conta própria / independente.*
- 3. Apenas como trabalhador/a por conta de outrem (termina o questionário).*

De acordo com a definição do universo, foram excluídos todos os que responderam Não na Q1 (porque sem atividade no sector artístico e cultural) ou que assinalaram a opção 3 na Q2 (porque apenas com atividade por conta de outrem).

O questionário foi aplicado *online*, com divulgação alargada, direta e individual por email e indireta em redes sociais *online*. Foram enviados inicialmente 2.026 emails para a lista de mailing disponibilizada pela Direção-Geral das Artes (DGARTES) com o convite individual à participação e o link para o questionário. Foram enviados 968 emails para entidades artísticas coletivas, igualmente a partir de lista de email da DGARTES, com convite à divulgação do inquérito. O mesmo foi feito para outras 87 entidades representativas de segmentos do universo (associações profissionais, sindicatos, grupos informais, etc.). No final do questionário foi sugerida aos inquiridos a divulgação junto de profissionais independentes seus conhecidos. Foi ainda enviado às 308 câmaras municipais um email solicitando divulgação do estudo.

A principal plataforma utilizada para a divulgação e acesso ao questionário foi a página do Facebook do OPAC. Foram produzidas cinco notícias/*posts* sobre o inquérito. A notícia inicial foi partilhada por 206 indivíduos e entidades coletivas. De modo a aumentar a probabilidade de alcançar a população alvo foram ainda efetuadas duas promoções da notícia. Os *posts* foram partilhados pela DGARTES e outros organismos do Ministério da Cultura, incluindo o Instituto do Cinema e do Audiovisual, a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e as Direções Regionais de Cultura, e por várias câmaras municipais, incluindo a de Lisboa. O prazo, inicialmente previsto até final de outubro de 2020, foi alargado até ao dia 6 de novembro.

Deste processo resultou uma amostra constituída por 1.727 respostas válidas. Trata-se, assim, de uma amostra por *bola de neve virtual*¹ uma vez que foram usadas redes sociais *online* e outros meios digitais para a disseminação do questionário. Admitindo uma amostra aleatória simples, o erro amostral seria de 2,4%, para um grau de confiança de 95%.

¹ Vicente, Paula, Elizabeth Reis e Fátima Ferrão (2001), *Sondagens: A Amostragem Como Factor Decisivo de Qualidade*, Lisboa, Edições Sílabo, pp. 73-74.; Baltar, Fabiola e Ignasi Brunet (2012), "Social research 2.0: virtual snowball sampling method using Facebook", *Internet Research*, 22(1), pp. 57-74.

O INQUÉRITO AOS PROFISSIONAIS INDEPENDENTES DAS ARTES E DA CULTURA (IPIAC)

O Inquérito aos Profissionais Independentes das Artes e da Cultura (IPIAC) é o primeiro de três módulos que constituem o Estudo Sector Artístico e Cultural em Portugal (ESAC). A partilha de indicadores no âmbito dos apoios financeiros às artes constitui o segundo módulo e o terceiro é a produção do Atlas Artístico e Cultural de Portugal. O Estudo decorre de um acordo de parceria institucional entre a DGARTES e o ISCTE através do [OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais](#).

O IPIAC tem duas fases: a primeira de inquérito por questionário, cujo trabalho de terreno decorreu entre 8 de outubro e 6 de novembro de 2020, e a segunda por entrevista a um conjunto alargado de profissionais independentes do sector que decorrerá no primeiro semestre de 2021.

Os objetivos são, por um lado, fazer um levantamento o mais abrangente possível e caracterizar os profissionais independentes das artes e da cultura quanto aos perfis sociais e laborais. Por outro lado, uma vez que decorre num contexto muito específico, de pandemia pela Covid-19, que não pode deixar de refletir, visa também contribuir para o conhecimento dos impactos da crise por ela desencadeada e das medidas políticas adotadas.

Pretende-se obter respostas para várias questões incluindo as seguintes: como se distribuem os profissionais independentes pelas várias áreas e pelas várias funções artísticas e culturais? Que atividades realizam, com que enquadramento, quais os rendimentos auferidos? Em que condições laborais desempenham as suas atividades? Quais os regimes contributivos, quais as relações com a administração fiscal e a segurança social? Para além do sector cultural, em que outros desempenham atividades profissionais? A que medidas de apoio devido à Covid-19, específicas ou não da cultura, se candidataram, de quais beneficiaram? Que propostas fazem quanto a medidas políticas a adotar?

O estudo procura abranger todos os intervenientes que contribuem para a produção e disseminação das obras artísticas e culturais, incluindo artistas, autores, intérpretes e técnicos dos mundos sociais da arte e da cultura⁴.

A referência principal quanto à noção de emprego artístico e cultural, às áreas e às funções dos sectores cultural e criativo é o relatório de 2012 da *ESSNet Culture - European Social Statistics Network on Culture*⁵.

Equipa de investigação do IPIAC: José Soares Neves (coord.), Joana Azevedo, Rui Telmo Gomes, Maria João Lima, Andreia Nunes e Miguel Lopes. Colaboração de César de Cima.

Quando são incluídas respostas em citação direta, salvaguarda-se o anonimato e descreve-se o perfil com os seguintes parâmetros [#ID resposta, número de anos de carreira, área de trabalho principal, função principal, regime de trabalho].

⁴ Becker, Howard S. (2010[1982]), *Mundos da Arte*, Lisboa, Livros Horizonte e Bertaux, Daniel (2020[1997]), *As Narrativas de Vida*, Lisboa, Mundos Sociais.

⁵ Bina, Vladimir *et al.*, (2012), *ESSnet-Culture Final Report*, Luxemburgo, Eurostat.

ESTUDOS SOBRE O EMPREGO CULTURAL

[Banks, Mark \(2020\) "The work of culture and C-19", *European Journal of Cultural Studies*, 23\(4\), 648-654.](#)

[Beck-Domžalska, Marta \(2019\). *Culture statistics 2019 edition*, Luxemburgo, EUROSTAT.](#)

[Comunian, Roberta e Lauren England \(2020\) "Creative and cultural work without filters: Covid-19 and exposed precarity in the creative economy", *Cultural Trends*, 29\(2\), 112-128.](#)

[Gomes, Rui Telmo e Teresa Duarte Martinho \(2009\) *Trabalho e Qualificação das Actividades. Um Panorama em Vários Domínios*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.](#)

[Gouyon, Marie e Frédérique Patureau \(2014\) "«Vingt ans d'évolution de l'emploi dans les professions culturelles 1991-2011»", *Culture Chiffres*, 2014/6, Paris, Ministère de la Culture et de la Communication / Département des études, de la prospective et des statistiques.](#)

[Leão, Tânia \(org.\) \(2020\), *Em Suspenso. Reflexões Sobre o Trabalho Artístico, Cultural e Criativo na Era Covid-19*, Cadernos da Pandemia. Vol 5, Porto, ISUP.](#)

[Menger Pierre-Michel \(2003\) "Les intermittents du spectacle", *Espaces Temps*, 82-83, 51-66.](#)

[Neves, José Soares, Ana Paula Miranda e Miguel Ângelo Lopes \(2021\), *Emprego cultural em Portugal 2011-2019: perspetiva comparada entre Eurostat e INE*, Lisboa, OPAC-Observatório Português das Actividades Culturais, CIES, ISCTE-IUL.](#)

Neves, José Soares (2006), "Emprego cultural", *Iberografias*, Ano II(2), 81-90.

[Pôle Emploi \(2020\), "L'emploi intermittent dans le spectacle au cours de l'année 2019", *Statistiques et Indicateurs*, 20.026.](#)

[Tasset, Cyprien \(2016\), "Intermittents et précaires. Significations et origines d'une relation", *Thaâtre*.](#)

Os Report do IPIAC podem ser consultados no endereço do [OPAC](#).

Data: 9 de março de 2021.

Como citar: Neves, José Soares (coord.), Rui Telmo Gomes, Maria João Lima e Joana Azevedo (2021), *Inquérito aos Profissionais das Artes e da Cultura: Report#1 Emprego cultural e perfis social e laboral*, Lisboa, Observatório Português das Actividades Culturais, CIES-Iscte.

Acordo de parceria institucional: